

# **Invenção da Educação Ambiental na Amazônia na perspectiva de Michel Foucault**

## **Invention of Environmental Education in the Amazon in the perspective of Michel Foucault**

**Mônica de Oliveira Costa**

Universidade do Estado do Amazonas/Universidade Nilton Lins  
[mwmcosta@gmail.com](mailto:mwmcosta@gmail.com)

**Raiziana Mary de Oliveira Zurra**

Universidade do Estado do Amazonas  
[rzurra@hotmail.com](mailto:rzurra@hotmail.com)

**Ethel Silva de Oliveira**

Universidade do Estado do Amazonas  
[etheloliveira@hotmail.com](mailto:etheloliveira@hotmail.com)

### **RESUMO**

O presente trabalho busca problematizar a Educação Ambiental na perspectiva de Michel Foucault, apontando as práticas dessa área dentro dos currículos da Amazônia. Este texto faz parte da análise dos dados da tese de doutoramento da autora que está vinculada à Reamec (Rede Amazônica de Educação em Ciências). A análise aponta que a Educação Ambiental é praticada por meio de ações isoladas e individuais, responsabilizando o aluno por meio de práticas salvacionistas do meio ambiente. Nesse sentido, após destacar alguns pontos-chave das ideias de Foucault, como o termo história, destacamos alguns trabalhos que investigam sobre a Educação Ambiental e trabalham nessa perspectiva, no sentido de proporcionar ao professor e a Educação em Ciências outras possibilidades de invenção do tema de forma a desnaturalizar as atividades vivenciadas na escola, como o mero plantio de uma muda.

**Palavras Chave:** educação ambiental, invenção, Foucault, Amazônia.

### **Abstract**

The present work seeks to problematize the Environmental Education in the perspective of Michel Foucault, pointing out the practices of this area within the curricula of the Amazon. This text is part of the analysis of the data of the doctoral dissertation of the author that is linked to the Reamec (Amazon Network Science Education). The analysis indicates that the Environmental Education is practiced by means of isolated actions and individual responsibility for the student through practices of salvacionistas environment. In this sense, after highlight some of the key points of the ideas of Foucault, as the term history, highlight some studies that investigate on Environmental Education and work

from this perspective, to give the teacher and the Science Education other possibilities of invention of the theme in order to denaturalize the activities experienced in school, such as the mere planting a changes.

**Key words:** environmental education, invention, Foucault, Amazon.

## Introdução

A Educação em Ciências é um campo fértil de pesquisa que abarca inúmeros temas importantes para o desenvolvimento científico da sociedade. Apresentando uma demanda de investigação que precisa ser mais amplamente explorada. Percebemos que a Educação Ambiental tem sido explorada de maneiras muito próximas e muitas vezes repetitivas que pouco tem contribuído para a efetivação dessa área nas escolas de forma que seu ensino seja problematizador para os alunos, professores e comunidade. Daí vem a indagação: De que maneiras os documentos que norteiam a Educação Ambiental – EA na Educação Básica podem contribuir para a melhoria do seu ensino, de modo que proporcione uma experiência escolar que se torne enriquecida com processos significativos de interação com o conhecimento e o mundo natural que envolve a criança nos seus diferentes espaços de convívio?

Este trabalho discute as possibilidades de discussão da Educação Ambiental na perspectiva de Michel Foucault com o objetivo de desnaturalizar algumas práticas enraizadas nas escolas. Nesse sentido, organizamos o trabalho em três momentos principais: no primeiro, discutimos sobre alguns pontos-chaves da teoria de Michel Foucault para explicitar a maneira como se olha dentro dessa linha teórica; em seguida, apresentamos os principais trabalhos sobre Educação Ambiental pensados com base nessas ideias foucaultianas; por fim, narramos como tem se apresentado a Educação Ambiental na Amazônia, em especial como está organizada nas Orientações Pedagógicas para a EA da Semed - Manaus, apontando possíveis invenções do trabalho com essa temática para a Educação em Ciências, acreditando que outros pensamentos podem nos atravessar quando se discute a Educação Ambiental e como enfatiza Guimarães (2014, p. 87) “Tudo que me atravessa’, também me corta, me edita, me compõe, já neste instante, de outro modo.”

### Narrativa 1: Situando Michel Foucault

Ordem é ao mesmo tempo aquilo que se oferece nas coisas como sua lei interior, a rede secreta segundo a qual elas olham de algum modo uma às outras e aquilo que só existe através do crivo de um olhar, de uma atenção, de uma linguagem. Foucault

Michel Foucault é um dos teóricos que não se preocupava com definições ou enquadramentos, com perguntas do tipo *o que é isso?* pois pensava que ao caracterizar uma ideia colocávamos em um formato e a partir daí criava-se uma identidade. Para ele era mais interessante e produtivo “falar extensivamente sobre *isso*, descrever como *isso* se manifesta, como produz efeitos, como se relaciona com outras coisas que já conhecemos – seja delas se aproximando, seja contra elas contrastando.” (WORTMANN e VEIGA-NETO, 2001, p.26) Portanto, aqui não há uma resposta pronta e acabada sobre a temática, são estudos e impressões que surgem da leitura e por isso, nesse primeiro momento gostaríamos de sermos lidos pelas pedras. (BARROS,

2010) Além disso, escolhemos olhar por meio de Foucault pelas problematizações que ele permite e como nos diz Larrosa “[...] neste caso Foucault, são selecionados porque ‘dão o que pensar’, porque permitem ‘pensar de outro modo’, explorar novos sentidos, ensaiar novas metáforas.” (1994, p. 35)

Um tema muito discutido por Foucault e que serve como base para a análise desse trabalho são as características da produção do discurso na sociedade e ele faz uma indagação: “o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?” (FOUCAULT, 1999, p. 08) Foucault não oferece respostas, entretanto aponta características e modos de agir desses discursos. Portanto, sua hipótese é de que “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada, e redistribuída por certo número de procedimentos, que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”, (FOUCAULT, 1999, p. 09)

Para tanto, descreve no livro *A ordem do discurso* (1972) os procedimentos externos e internos de exclusão presente no discurso. Em relação aos procedimentos externos ele aponta: a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade. O primeiro deles, a palavra proibida, refere-se a não possibilidade de dizer tudo o que se pensa e na existência de um espaço, uma circunstância e assuntos que são ou não autorizados. O autor aponta a sexualidade e a política como palavras proibidas centrais. Mía Couto (2008) exemplifica essa ideia: “tenho ao que parece a raça errada, o nome errado, o sexo errado [...]”

O segundo procedimento de exclusão é a segregação da loucura onde Foucault afirma que diferentemente dos outros discursos o do louco não é permitido circular, mesmo que a ele se confira o poder de dizer uma verdade escondida: “de qualquer modo, excluída ou secretamente investida pela razão, no sentido restrito, ela não existia.” (FOUCAULT, 1999, p. 11) O terceiro e último procedimento de exclusão é a vontade de verdade sobre o qual o autor se debruça mais demoradamente, pois acredita que os dois anteriores estão presentes nele no sentido de que exerce uma pressão e um poder de coerção, colocando o verdadeiro dentro da ordem do discurso das instituições e servindo como máscaras para a própria vontade de verdade. Assim,

só aparece aos nossos olhos uma verdade que seria riqueza, fecundidade, força doce e insidiosamente universal. E ignoramos, em contrapartida, a vontade de verdade, como prodigiosa maquinaria destinada a excluir todos aqueles que, ponto por ponto, em nossa história, procuraram contornar essa vontade de verdade e recolocá-la em questão contra a verdade. (FOUCAULT, 1999, p. 20)

Nesse momento, o autor passa a narrar os procedimentos de controle internos já que é dentro do próprio discurso que se exerce o controle. São eles o comentário, a autoria e a disciplina. Em relação ao comentário, Foucault diz que há dois tipos de discursos: um primeiro que está na origem dos atos novos e que “para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer.” (FOUCAULT, 1999, p. 22) São exemplos os textos religiosos e jurídicos; e outros discursos que “se dizem” nos dias e trocas e estabelecem relações de dependência dos primeiros textos.

A autoria está em complementaridade ao anterior e mesmo considerando que não há um autor/indivíduo afirma que ela tem a função de agrupamento do discurso, dando unidade e coerência a um grupo de significações. A disciplina é outro princípio de limitação interna do discurso que permite um processo de criação, porém dentro de um jogo

restrito. Daí podemos indagar: como essas ideias podem se relacionar a Educação Ambiental?

## **Narrativa 2: Invenção da Educação Ambiental**

Não seja nunca de tal forma que não possas ser também de outra maneira. Larrosa

A Educação Ambiental é um dos temas mais discutidos na educação brasileira, em especial na Educação em Ciências, acreditamos que essa valorização passa pela crença de que a escola deve ensinar maneiras verdadeiras de se relacionar com o meio ambiente. Por isso, acreditamos ser importante investigar de que forma a Educação Ambiental vem sendo problematizada a partir dos estudos foucaultianos no sentido de discutir tais práticas impostas pela escola. Entendemos, portanto que toda verdade sobre Educação Ambiental é inventada e resultado de relações de poder, sendo importante olhar para os efeitos dela e os motivos pelos quais uma se sobrepõe sobre a outra. Além disso, há uma proliferação de espaços e conceitos sobre a Educação Ambiental, sendo produtivo apontar as principais características de cada um já que não existe um consenso entre eles. Como bem lembra Sampaio e Wortmann (2004, p. 89)

Talvez fosse mais apropriado usar o plural ‘educações ambientais’, tal a multiplicidade de orientações teóricas e direcionamentos práticos existentes, sendo preciso adjetivar a EA para dar pistas do que está se falando – EA conservacionista, EA popular, EA para a cidadania, EA política, EA para o desenvolvimento sustentável.

Passamos a descrever então alguns trabalhos que se destacam e que muito tem a dizer sobre a Educação Ambiental em Foucault. O trabalho de Henning e Garré (2010) intitulado Educação Ambiental e cinema: produções discursivas em tempos líquidos problematiza o forte apelo midiático em torno da crise ambiental pela qual passa o planeta. Para tanto, as autoras elegem dois filmes como extratos para análise: Batalha por T.E.R.A (2007) e Wall (2008), por considerarem que ambos discutem o futuro do ser humano enquanto espécie e as formas de devastação do planeta Terra.

A partir desse contexto, tais discursos midiáticos produzem modos ecológicos de vida que possuem uma série de exigências para dizer o que cabe ou não nele, fazendo com que as pessoas adotem ações de preservação do meio ambiente, já que o futuro está em nossas mãos. (tais como fechar a torneira e plantar uma árvore) O trabalho “Notas sobre a ‘fabricação’ se educadores/as ambientais: identidades sob rasuras e costuras”, Sampaio (2005) investiga como se dá a ‘fabricação’ de identidades de educadores/as ambientais em um curso de formação continuada. A escolha desse espaço de investigação se deu porque tem se proliferado bastante a oferta de cursos de especialização, extensão, formação continuada ou à distância por diversos setores da sociedade (ONG’s e universidades por exemplo). Para empreender tal percurso, a autora discute várias perspectivas da Educação Ambiental, como o conceito de Alfabetização Ecológica de Frijot Capra, mas se dedica mais a relacionar as ideias de Foucault, enfatizando que o seu desejo não é revelar, esclarecer ou desvendar tal conceito, já que não o ver como oculto, mas sim de o entender como “território no qual muitos discursos concorrem, confrontam-se, conectam-se [...]” (SAMPAIO, 2005, p. 86)

Podemos perceber ao longo do texto uma diversidade de entendimentos sobre a Educação Ambiental, assim como uma variedade de aspectos da cultura onde eles podem ser analisados. Nesse momento, o que me move não são estas respostas, mas as indagações que delas surgem: que outras formar de ver e narrar os problemas ambientais que não as apresentadas? Seria o currículo escolar, como as mídias e

literatura, um bom elemento para problematizar a Educação Ambiental? Esses discursos sobre a Educação Ambiental cabem em que medida a Amazônia?

### **Situando os modos de ver**

A metodologia empreendida na pesquisa é vista como movimento, indagação e problematizações e afasta-se também da ideia de percurso que critica Meyer e Paraíso (2014, p. 18) “daquilo que é rígido das essências, das convicções, dos universais, da tarefa de prescrever e de todos os conceitos e pensamentos que não nos ajudam a construir imagens de pensamentos potentes para interrogar e descrever-analisar nosso objeto”. Assim, não assumo categorias prévias de análise, entretanto entendo que a partir da eleição do objetivo de descrever a Amazônia nos currículos escolares armo o meu olhar para alguns aspectos específicos quando se fala da discursividade desses saberes, como por exemplo, do mapeamento das subjetividades produzidas por esse discurso.

Daí porque o importante é mostrar como a rede histórica possibilita que um objeto apareça e não propriamente sua existência. Ainda olhando para essa particularidade se pode afirmar que os discursos tem função produtiva no que dizem, pois assumo como pressuposto que o discurso forma os objetos de que fala. Para tanto, Paraíso (2014) destaca as possibilidades de análise da realidade que é construída dentro das tramas discursivas e é nessa teia que analiso o documento Orientações Pedagógicas para a Educação Ambiental da SEMED – Manaus: buscar estratégias de descrição/análise dos discursos sobre Educação Ambiental com a intenção de mostrar suas tramas e relações históricas e em quais situações algumas ideias de Amazônia são naturalizadas e outras apagadas; analisar as relações de poder que impulsionam a produção desse discurso; problematizar com quais outros discursos (livros didáticos, currículo, mídias, etc) ele se articula, se contrapõe e entra em conflito.

### **Narrativa 3: A Educação Ambiental na Amazônia e as contribuições para a Educação em Ciências**

A Política de Educação Ambiental desenvolvida em Manaus está organizada em três momentos: formal (documentos e formações continuadas), representações (conselhos, comissões, fóruns, outros) e não formais (campanhas, seminários e capacitações). Este trabalho é o recorte de uma tese em andamento que analisa a Amazônia nos currículos de Ciências das escolas amazônicas a partir da EA, a ênfase principalmente está na ideia de discurso para Foucault conforme problematizado no item Situação Foucault, já que para esse autor todo discurso é uma prática. Dessa forma, neste texto se apresenta a análise do documento Orientações Pedagógicas para a EA da Semed - Manaus, entendido como o discurso vigente para a EA, onde as principais atividades propostas para a área são: Agenda Ambiental Escolar, Nosso Espaço Verde, Circuito da Ciência, Papa Pilhas e Baterias (Giroambiental), Coleta Seletiva nas Escolas.

Tal documento norteia as atividades da EA no município de Manaus pela mera descrição das ações que poderão ser realizadas pela escola, como as citadas anteriormente. Isto porque algumas atividades propostas só são implementadas em escolas previamente escolhidas pela secretaria, como é o caso do Nosso Espaço Verde, que se refere a visitas a espaços naturais da cidade, por exigirem deslocamentos dos alunos. Essas ações estão relacionadas a atividades pontuais que não vêm acompanhadas de uma reflexão sobre os elementos que a compõe, caracterizando-se em práticas reprodutivas, como a distribuição de caixas para as escolas arrecadarem pilha

(Papa Pilhas). É evidente que a EA é desenvolvida com as crianças por meio de atividades em situações específicas, como datas comemorativas, não fazendo parte do cotidiano das escolas. Além disso, algumas dessas ações se referem a visitas que muitas vezes não passam de passeios sem nenhuma finalidade pedagógica, já que não é apontando nas Orientações Pedagógicas nenhuma exigência de atividade antes ou depois da visita e nem consta no planejamento dos professores.

É visível a fragilidade desse documento norteador que poderia servir como base para a tomada de decisão docente. Essas Orientações Pedagógicas para a EA não propõe elementos pedagógicos simples como o registro pelos professores das aulas em seus planos diários, o que muitas vezes leva o docente a não organizar de forma adequada a atividade, como prevê a avaliação e que conteúdos poderão ser desenvolvidos por meio daquela “aula”. Fato que ocorre quando se trata da área de linguagens.

Tal análise nos remete a uma demanda de estudos que precisam ser enfocados com maior abrangência e profundidade e, a partir dos seus resultados embasar teoricamente os documentos que tratam da Educação Ambiental. Desse modo, apontamos para a necessidade de analisarmos a Educação em Ciências na escola básica, e sobretudo de analisar em que medida esta área contempla a EA em seus currículos, uma vez que tem sido uma preocupação a formação de um cidadão contemporâneo preocupado com os problemas do seu tempo o que inclui as questões ambientais. Acreditamos que ao olhar a Educação Ambiental na perspectiva de Foucault, como nos trabalhadores anteriormente citados podemos ter outras possibilidades para a Educação em Ciências, vamos a elas.

As questões ambientais não podem ser apresentadas de maneira pronta aos alunos, pois eles aprendem apenas que é preciso preservar a natureza, mas não são levados a problematizar os impactos das ações dos diversos setores da sociedade, inclusive a mídia na ocorrência dos problemas ambientais (CARVALHO, 2008). Muito menos, podemos conceber a Educação Ambiental pelo entendimento do uso do ser humano dos recursos naturais, onde as escolas apontam chavões baseadas no senso comum que se encontram cristalizadas nas escolas, como por exemplo, a ideia de que as comunidades tradicionais possuem a maneira adequada de conviver harmoniosamente com a natureza (SAMPAIO, 2012).

Além disso, é necessária a desnaturalização das ações que devem ser internalizadas pelos alunos como salvadoras do planeta: ao escovar os dentes desligue a torneira, não jogue lixo nos rios e igarapés, use produtos reciclados, dentre outros. Os alunos acabam sendo apenas ouvintes e/ou praticantes automáticos das ações simplicistas e reducionistas ensinadas pelo professor que se encontram sistematizadas nas diversas ações. Estudos têm explicitado para essa limitação da EA no âmbito escolar, tentando apontar que outra abordagem atingiria o objetivo proposto de disseminar valores de cuidado com a natureza. Lima (2003, p. 109-110) afirma que “

Esses autores reconhecem, em geral, que a educação ambiental não apresentou os resultados esperados nas últimas décadas, nem se mostrou capaz de atender à crescente complexidade da crise contemporânea. Nesse sentido, acreditam que essas limitações se devem, em grande parte, à inadequação entre o paradigma cartesiano-mecanicista, prevalente na sociedade e ciência ocidentais, e os problemas que hoje atingem a vida social, o ambiente, a economia e a cultura.

Essa responsabilidade se torna ainda mais evidente quando se trata das escolas da região amazônica, por estarem situadas numa área de grande variedade de recursos naturais, da fauna e da flora. Reigota (1999, p. 109) afirma que: “[...] a EA não tem respostas prontas e acabadas para essas e muitas outras questões, mas a busca de alternativas e soluções a elas dificilmente pôde dispensar o processo educativo, [...]”.

O embate que queremos estabelecer é a discussão pela opção por parte de algumas secretarias de educação pelo tratamento reducionista/cartesiano da questão ambiental na escola em vários aspectos: ao conceber a crise ambiental como sinônimo de crise apenas ecológica; ao desconsiderar suas dimensões econômicas, políticas, éticas e culturais; ao apresentar uma abordagem fragmentada e acrítica da questão socioambiental; ao utilizar metodologias disciplinares, não participativas e de pouca criatividade, sobretudo ao propor respostas comportamentais individualizadas para problemas de maior complexidade.

### **Conclusão**

Nessa fase inicial do estudo, posso afirmar que a EA dentro do documento analisado é ensinada por meio de atividades soltas, sem uma intencionalidade pedagógica comprometida com a discussão dos problemas ambientais, já que são apresentados de forma pronta aos alunos e responsabilizando-os de melhorar os danos causados à natureza por toda uma sociedade.

Essas ideias produzem subjetividades e modos de ver a EA pautadas em meras repetições de ações ensinadas pelo professor que quando não são mais alimentadas enfraquecem ou simplesmente deixam de existir. Assim, não é raro ver os alunos jogando o pacote do biscoito no chão numa aula de campo ou no pátio da escola.

Acreditamos que esse estudo possibilitará ao professor inventar outras possibilidades de ensinar tal tema de forma mais comprometida com a mudança de atitudes dos seus alunos, por considerarmos aprendizado e mudanças indissociáveis.

Todos esses pensamentos ao longo do texto nos inquietam e nos deslocam na elaboração da análise da Educação Ambiental. Como inventá-la de modo que não seja um mero cumprimento de uma formalidade dos dias atuais? Quais temas apontar dentro da atual realidade amazônica? De que maneira construir documentos bases para que possa orientar de forma efetiva os professores para ações significativas da EA? Invenção! Como sugerida por Sampaio (2014): “Invenção assume, então, um sentido de algo que irrompe, que inaugura e, por isso mesmo, escapa das narrativas hegemônicas e consensuais.”

### **Agradecimento e apoios**

Agradecemos a FAPEAM (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas) pela concessão de bolsa de doutorado às autoras.

### **Referências**

- BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas**: a segunda infância. São Paulo: Planeta, 2010.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **A invenção ecológica**: narrativas e trajetórias da Educação Ambiental no Brasil. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

COUTO, MIA. Três fantasmas mudos para um orador luso-afônico. In: VALENTE, André (ORG.). **Língua portuguesa e identidade**. Rio de Janeiro: Caetés, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Org. e trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996. Coleção Leituras Filosóficas.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. Educação Ambiental e Literatura: narrativas sobre a floresta. **Cadernos de Educação**. Pelotas, n.34, Set-Dez, 2009.

\_\_\_\_\_. Como lidar com os pensamentos passageiros que nos atravessam. **Revista Linha Mestra**. N. 24. Jan-Jul, 2014.

GUIMARAES, Leandro Belinaso. WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Passando a limpo a Amazônia através da literatura de viagem: ensinando modos de ver. **Revista Espaço Pedagógico**. v.17, n.2, Passo Fundo, Jul-Dez, 2010.

HENNING, Paula Correa. GARRÉ, Bárbara Hees. Educação Ambiental e cinema: produções discursivas em tempos líquidos. 2010. **Revista Interações**, n. 15, p. 55-67, 2010.

LARROSA, Jorge. “Tecnologias do eu e educação.” In: SILVA, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994.

LIMA, Gustavo da Costa. O discurso da sustentabilidade e suas implicações para a educação. **Revista Ambiente & Sociedade**. Vol. VI nº. 2 jul./dez. 2003.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marluce Alves. (org.) **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. Coleção Pensar a educação.

REIGOTA, Marcos. **A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna**. São Paulo: Cortez, 1999.

SAMPAIO, Shaula Maíra Vicentini de. **Notas sobre a ‘fabricação’ de educadores/as ambientais: identidades sobre rasuras e costuras**. Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

\_\_\_\_\_. **“Uma floresta tocada apenas por homens puros”** Ou do que aprendemos com os discursos contemporâneos sobre a Amazônia. Tese. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

\_\_\_\_\_. Um olhar (mais ou menos distraído) para as Amazônias inventadas no tempo presente. **Revista Linha Mestra**. N. 24. Jan-Jul, 2014.

TÉTART, P. **Pequena História dos historiadores**. Bauru: EDUSC, 2000.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. VEIGA-NETO, Alfredo. **Estudos Culturais da Ciência e Educação**. Belo Horizonte: Autentica, 2001.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna, RIPOLL, Daniela. POSSAMAI, Laís. **Educação Ambiental corporativa para crianças: analisando a animação Peixonauta do Discovery Kids**. Revista Perspectiva. Florianópolis, v.30, n.2, Mai-Ago, 2012.